

# O Progresso Catholico

... sequor autem, si quo modo  
comprehendam...

AD PHILIP. 3. 12.

RELIGIÃO E SCIENCIA  
LITTERATURA E ARTES

...ad ea quae sunt prius extendens melpsum  
ad destinatum persequor, ad bravium  
triumphi Ecclesiae... in Christo Jesus

ID. 13. 14.

SUMMARIO: *O Progresso Catholico*, por A redacção; *A união catholica*, por A. A.—Secção Critica: *Voltarão os frades?*, por um catholico—Secção Illustrada, por R.—Secção Necrologica, pelo Padre José da Costa e Oliveira Pinto.—Retrospecto: pelo Padre J. A. R. Junior.—Secção Administrativa do «Progresso Catholico», por S.

**Gravurus:** *Um pastor africano; Villa do Piemonte.*



UM PASTOR AFRICANO

## BOAS-FESTAS

aos Ex.<sup>mos</sup> Collaboradores  
e dignos Assignantes

### O Progresso Catholico

**P**rogresso Catholico inicia animosamente o decimo sexto anno de sua publicação.

Procurando ser um escravo da Igreja e um soldado da patria, seu mais vivo empenho ha sido posto em ver triumphar essas duas venerandas instituições, creada uma pelo mesmo Jesus Christo, nascida e crescida outra no seio da primeira, ao calor de sua fé invencível, á luz de sua esperança consoladora, á sombra tutelar de sua imensa caridade que n'um amplexo divino abrange as regiões do mundo inteiro.

Alguma parcella se ha feito já da immensa tarefa a que Deus nos convida e nos anima.

Lançando porém um volver de olhos sobre a sociedade portugueza, vemos a Igreja prisioneira do Estado; á sancta Esposa de Jesus algeinam-na uns grilhões que lhe coarctam a acção e fazem o descrédito da nossa infeliz patria; o clero, as misericordias, as confrarias, vergam sob uma vigilancia tam importuna, que mais parece dimanarem as nossas leis dos coligos agarenos, que dos inmutaveis principios do bom e do justo.

N'este progredir por um caminho sobremodo tortuoso, á traiçoeira luz d'um liberalismo que tudo perde, chegaremos a ver desorganizado para sempre um povo heroico, em punição de sua incuria a levantar-se intrepido contra as desordens causadas por umas leis iniquas, attentatorias da divina constituição da Igreja, causa fatal dos obstaculos oppostos ao exercicio do ministerio ecclesiastico, promotoras da destruição das Ordens Religiosas, da

venda dos bens que serviam á sustentação dos ministros sagrados, e de tantos outros males que tem invadido a vida publica e particular.

Em sociedade não somos felizes; na familia sente-se a enorme desanexão dos membros; no individuo lavra o desalento de modo tam profundo, que, em face da estatística, cerca de mil cidadãos procuram annualmente no suicidio a solução nefasta dos arduos problemas da vida!

D'este cahos de idéas e sentimentos, effeito do *racionalismo*, do *materialismo* e do *atheismo*, cumpre levantar a patria, incitando-a a firmar-se com vigor nas margens da immunda torrente em que naufraga

Grande labor nos offerece ainda pois o futuro.

•A' boa imprensa, diz o Sancto Padre, incumbe a divulgação dos bons escriptos. Aquelles que perseguem a Igreja com odio implacavel teem por systema travar o combate por meio da imprensa e servir-se d'ella como d'uma poderosissima arma de destruição. D'ahi esse diluvio de maus livros, esses jornaes, dominados d'um espirito de desordem e iniquidade, cujos violentos ataques não são reprimidos nem pelas prescripções da lei, nem pelo sentimento do pudor. Sustentam a legitimidade de quanto a Revolução consumou n'estes ultimos annos; occultam ou desnaturam a verdade. Para elles a Igreja e o Soberano Pontifice são todos os dias objecto de ultrages e accusações falsas, não havendo opinião, por mais absurda e perniciosas, que não procurem disseminar por toda a parte. Urge pois combater com assiduo zelo e energia a influencia d'um mal tam grave, que assume de dia para dia mais assustadoras proporções.

Em obediencia a estes preceitos do Mestre infallivel da verdade, o *Progresso Catholico*, auxiliado por collaboradores dedicados e fortalecido por assignantes benemeritos, firma-se mais no seu posto de honra, anhelando que todos os seus trabalhos mereçam a acceitação de Deus, e portanto d'aquelles que le-

gitimamente na terra o representam.

N'este intento desfralda outra vez sua bandeira e afoita-se a novo anno de lide, confiado em vel-o prosperamente findado.

A Redacção.

### A união catholica

**E**STAMOS em vespuras de eleições. Regeneradores e progressistas se aprestam para o combate eleitoral, celebrando os seus con-

gressos, a que presidem os homens mais grados dos respectivos partidos. Fazemos nós catholicos o mesmo, forcejando por imprimir unidade a um movimento que, dirigido com bom senso e sem preconceitos, pode ainda vir a ser fecundo em resultados que bem mereçam as bençãos da religião e as saudações respeitadas e agradecidas da posteridade. Mas, por Deus, unam-nos todos. Uns como outros devem estar desilludidos. Todos são precisos para o triumpho.

Nada de *excluir* uma só boa vontade. E depois compromettemos também os jornalistas a cumprir de vez o que já tantas, para confusão nossa, promettemos infructuosamente, no tocante ao cumprimento dos mutuos deveres da caridade christã. Tão escrupulosos no cumprimento das determinações do Summo Pontifice, temos aqui vasto campo para o exercicio da sancta obediencia.

Viremos contra o inimigo commum as lanças que embotamos em pelepas intestinas, com escandalo quasi dos proximos e gozo manifesto dos inimigos d'esta nossa causa.

Sejamos todos em defeza da causa commum: clero, catholicos constitucionaes, catholicos legitimistas e catholicos sem adjectivo.

Se unidos, venceremos; se repartidos, seremos *desolados* como acontece a *todo reino dividido*.

Não pode o clero prescindir do elemento leigo; pois, sobre ser obio que não podem ecclesiasticos formar

parte das commissões de recenseamento, mesas eleitoraes, etc., pontos estrategicos que, sob pena de inevitavel derrota, não devem deixar de ser vigiados de perto pelos catholicos no combate eleitoral, não possuiu aquelle, infelizmente, talvez na maioria, a dedicação levada ao auge que se requer, para que, desprezadas de vez todas as conveniencias que a politica dos partidos governamentais offerece, se consagre, alma e coração, ao serviço de uma causa grande, sympathica, grandemente lucrativa tambem, mas não de bens do mundo.

Quem estas linhas escreve honra-se em pertencer á classe ecclesiastica. Não trepida, porém, em dizer verdades, que de todos são sabidas, quando isso é exigido pela causa a cujo triumpho consagrou gostosamente suas aspirações e sua vida.

Demais, fiel á monarchia constitucional a que prometeu obediencia sob juramento, juramento que, espera-o da misericordia divina, jamais violará, e natural de um dos concelhos da provincia do Minho envidou já o melhor de seus pobres, mas bem intencionados, esforços, a fim de levar os collegas seus conterraneos á formação de um centro catholico subordinado ao Centro da União do Clero Bracarense.

Sob um sol de verão visitou algumas residencias de parochos: e se algumas boas vontades encontrou, mercê de Deus, encontrou tambem gelo e indiferença! De certo ecclesiastico se disse por essa occasião: «*Serve* o snr. F. ha muito tempo e está a ponto de receber a recompensa (sic!) dos seus trabalhos.» Outro, participe na chefia do partido a que *pertence*, declarou, depois, só poder abandonar o cavalheiro, *seu collega*, no dia em que do movimento catholico vir a possibilidade de vir a ser governo!

E, note-se: n'esta peregrinação bem custosa, era o signatario acompanhado por um cavalheiro legitimista, de crescida influencia, que, até hoje tem militado no partido regenerador, disposto, comtudo, a acompanhar os catholicos n'uma

acção de propaganda religiosa e patriótica; e diga-se tambem, para desengano dos que não querem ser iludidos, que o rev. collega a que acima me refiro, participe na chefia do seu partido, instado, depois, por alguns collegas prestou emfim, o seu nome á declaração do clero de Braga.

Não basta, nem se curam desgraças com dizer: «o clero une-se, o clero levanta-se, o clero faz maravilhas. . .» Queremos dar batalha ao inimigo? Façamos o arrolamento dos elementos de que dispomos *com segurança*, sem desperdiçar nenhum, pois, todos não sobram. Se tocamos ao combate sem calcular forças, e ainda, caso de legitima estranheza, refusingo elementos preciosos, que, o que perdem pelo alferro á nossa causa politica ganham, muitas vezes, em dobro, em dedicação aos principios religiosos que vamos a defender, estamos a pique de fazermos o papel do stulto do Evangelho, que vae offerecer batalha sem forças proporcionaes ás do seu inimigo.

Nem são muitos tambem os catholicos constitucionaes promptos a seguir, ao menos durante a epocha das catacumbas, a união genuinamente catholica. Quem o ignora? Olhe em torno de si quem quer que estas linhas lér e poderá contal-os em pouco tempo e sem custo.

E' tempo de congregar todos os elementos bons em prol da causa da Igreja e da patria. A miude fallamos dos heroismos do centro allemão invejando-lhe os progressos realisados, os triumphos obtidos no curto periodo de sua duração.

Unir, unir pois, á imitação do centro, conculcando por uma vez tudo o que seja egoismo ou servilismo mal entendido.

Obedecemos ao Pontifice. A sua voz echoou nos arraiaes portuguezes indicando a salvação a todos nós. Se alguém mais sacrifica em obedecer-lhe, mais distincta é a proeza realizada, maior gloria lhe compete.

Aprestar para o combate, e sejam as proximas eleições uma prova ca-

bal de que os portuguezes de lei entram a valer na exacta comprehensão de seus direitos e de seus deveres.

A. A.

## SECÇÃO CRITICA

### Voltarão os frades?

(Continuação do n.º 24 do anno XV)

*Vae Victis!*

Em quanto os portuguezes da mesma facção se degladiam em discursos parlamentares, em artigos jornalisticos, e em fasciculos de estilo mais ou menos violento; em quanto a mesma facção vai fazendo derramar sangue em batalhas inglorias e incoherentes; em quanto as pugnas do ferro, da palavra e da imprensa, vão dividindo e subdividindo a familia liberal, desunindo os portuguezes, assolando povoações, causando incriveis males e prejudicando a agricultura, o commercio e as artes; continuava o frade a arrastar uma existencia cheia de amarguras, de fome, de miserias e de perseguições!

\* \* \*

Algun egresso que era faccioso, ou ultra-liberal, que tinha amigos no poder ou influencias politicas, vivia regaladamente, em igreja rendosa, dando escandalo, de que fazia galla, e escarnecendo os seus irmãos no sacerdocio, que não commungavam nos mesmos principios.

Outros, dos vindos para especular ao seio das congregações, obtinham cozeias, (e até mitras), e beneficios ecclesiasticos, que lhes davam segura subsistencia e um viver tranquillo, muito embora a consciencia lhes estivesse dizendo «que nem todos viviam em conformidade com as leis da Igreja.»

\* \* \*

E o Padre Marcos Pinto Soares Vaz Preto, bem conhecido por o nome de *Papa Marcos*, arrogando-se grande importancia e mais poderes que um Pontifice, dispunha dos destinos da nação na parte religiosa e passava o melhor do seu tempo gracejando com os amigos, bebendo vinho generoso pelos vasos sagrados, comendo bons acepipes, servidos, não em pratos, mas em boas patenas douradas, que, bem como esses vasos, haviam pertencido (e de direito pertenciam) ás igrejas dos conventos.

\* \* \*

E não era só em casa do *Papa*

Marcos, que se reproduziam estas scenas, como no festim de Balthazar.

Quem percorresse as casas dos mais exaltados liberaes encontraria alfaias das egrejas, servindo a usos profanos; e paramentos, convertidos em roupas, em cortinados e em ornatos. Mesas, cadeiras, oratorios e outros objectos, mobilisavam quartos e salas de liberaes, inimigos dos frades. As imagens eram apedrejadas. Outras eram queimadas nas cosinhas por individuos, dotados de *genio elevado*, como fazia o celebre *Pirão*, em Coimbra, no convento habitado por certos estudantes liberaes.

E o *Pirão*, continuava a queimar imagens e retabulos da Igreja e convento de S. Jeronymo. Passeava nas ruas de Coimbra, de braço dado com duas mulheres perdidas, e dizia, que o jantar dos estudantes deveria ser bom n'esse dia, por que fôra feito com S. Jeronymo, ou S. Pedro, ou S. Francisco, ou... e nomeava o Santo, cuja imagem fôra convertida em lenha, para fazer o jantar dos estudantes, reuni dos n'aquelle momento.

E o *Pirão*, apesar de mal saber soletrar e de não saber escrever o seu nome, aspirou a SER PROVIDO N'UMA CADEIRA DA UNIVERSIDADE, dizendo que isso ainda era pouco, para lhe serem pagos os serviços, prestados á causa liberal!

\* \* \*

E heróes, como este, continuavam praticando identicos feitos. E o governo applaudia-os, ou tacitamente ou por escripto, e até com grande louvor, como fez aos actos dos Brandões (de Miões) e á sua comitiva.

E os bens dos frades iam sendo vendidos, dados, desbaratados e roubados descaradamente. Até 1836 tinham-se vendido 5:000 contos dos bens de raiz, que haviam pertencido aos frades. Em 1842 já estavam vendidos ou convertidos em moeda 1:547 marcos de prata, da muita que fôra dos mesmos donos! E em diversos pontos do paiz iam sendo assassinados muitos frades. Outros iam morrendo, ou por que a lei da morte é inexoravel e não escolhe edades nem posições; ou por que a velhice, os desgostos, os máus tractos e a fome para isso concorreram poderosamente.

\* \* \*

Por toda a parte se commettiam horribéis sacrilegios, que parochos devassos, (muitos d'elles ex-frades atrabiliarios, heróes da eschola liberal), occultavam e tinham em coisa de pequena monta, ou tractavam de attribuir a individuos, e até a outros frades, do partido vencido.

E muitos do partido vencedor mostravam as pratas, os livros, as alfaias, as louças e outros objectos, que haviam tirado dos conventos e levado para suas casas na noite do dia, em que os frades saíram dos conventos, ou principalmente na occasião, em que foi feito o inventario d'esses objectos, inventario, que, por imperfeito e para encobrir muitas mazellas, foi feito por tres vezes (!) e de cada vez mais diminuto!!!

\* \* \*

No entanto a situação dos egressos (para não dizermos dos *expulso*) era pouco lisonjeira, a não ser a d'aquelles, que por seus feitos heroicos e ideias avançadas, tinham obtido as protecções dos governos e dos influentes politicos.

Muitos dos outros, votados ás gemonias e escarnecidos por toda a parte, quizeram antes viver na miseria, ou das esmolos dos amigos e sopas dos parentes, que requerer a penção, que se lhes arbitrara! Tão modica ella era; tão mal e tardiamente paga; tão sujeita a descontos e a muitas despesas, a que lhes era impossivel satisfazer.

Além d'isso, era-lhes impossivel, ou pelo menos muito difficil, o provarem, que não estavam incursos nas excepções dos seis paragraphos do Artigo quarto do Decreto de Joaquim Antonio de Aguiar;—era mister provarem, que não haviam abandonado os seus conventos, logo que houve a mudança da forma do governo, e no caso de os haverem abandonado, haviam de justificar os motivos, por que tal haviam feito;—deviam mostrar attestados de auctoridades de diversas cathogorias e ramos de administração publica;—provar, que a sua idade, e achaques, os privavam da falta de meios;—em fim, tinham taes formalidades a cumprir, que muitos, como já dissemos, desistiam de requerer tal magnificencia.

E essa insignificancia era em algumas partes paga em patacos falsos, que para isso iam sendo arrecadados durante o mez. Os egressos recebiam os patacos falsos e como ninguem lh'os queria, devolviam-n'os ao respectivo empregado, que em troca lhes dava um vintem por cada um e se servia dos mesmos patacos para novamente lhes pagar no mez seguinte!!!

A alguns egressos fôra arbitrada a mensalidade de 7\$200 reis, mas a demora e atrazo nos pagamentos, obrigava os mesmos egressos a rebaterem os competentes recibos. Estes, em virtude de tal operação e dos attestados e documentos, mensalmente exigidos, ficavam ás vezes reduzidos a pouco mais da sexta parte.

\* \* \*

Em Novembro de 1853 fallecêra a Senhora Dona Maria da Gloria, (D. Maria II).

Para ella subir ao throno, derramou-se muito sangue portuguez e estrangeiro e o seu reinado foi quasi uma constante serie de revoluções e de alterações na ordem publica. Já aqui o demos bem a entender.

A' data do seu fallecimento, os conventos de frades tinham, quasi todos, tido diversas applicações. Uns foram vendidos, outros dados, outros incendiados, outros estavam em ruinas e alguns applicados a usos completamente profanos.

Tal era o prazer de ver os frades sem casas! Tal era o receio de que elles ainda podessem voltar para os seus mosteiros!

Havia-se, pois, cumprido o desejo d'aquelle grande liberal, que invectivando contra os frades, gritava: *Tirem-lhes os ninhos!*

Foi, no entanto, preciso, que passassem quasi vinte annos, para que a sorte dos egressos não diremos melhorasse, mas, ao menos, não continuasse a ser tão digna de lastima!

O governo já havia estabelecido a alguns, (aos que tinham protectores) 480 reis por dia. Mas foi por tão pouco tempo, que nem vale a pena n'isso fallarmos. Depois, foi-lhes arbitrada a pensão de 240 reis diarios, que por muito tempo lhes ficou reduzida a metade. E desde 1842 a 1847, muitos nada receberam, e desde 1847 a 1851 poucos foram soccorridos pelos cofres do estado.

Quando, antes de 1853, alguém levantava a voz no parlamento ou publicava na imprensa, uma petição em favor dos egressos, respondia-se-lhes com evasivas, com sarcasmos e até com insultos. Dizia-se, no parlamento e na imprensa, «que os frades não tinham direito a receber nada do governo, por que os bens, que lhes haviam pertencido, rendiam uma bagatella em comparação, do que se havia arbitrado ou podia arbitrar para sustento dos mesmos egressos; que o estado não tinha obrigação de sustentar mandriões e, se os egressos não tinham rendimentos, que lhes chegassem, fossem aprender a artistas, fossem trabalhar, agarrassem em uma enchada ou fossem assentar praça, e como soldados teriam rancho e fardamento; que para o exercito costumam ser levados, por uma violencia bem entendida, os vadios, os malandros, os que não querem trabalhar, e os frades estavam todos n'este caso; que, se elles estavam mal, era porque queriam, por que podiam ir missionar e parochiar para a Africa, prestando assim melhores serviços á patria, á religião e ao



VILLA DO PIEMONTE

governo, que por certo não deixaria abastados, ricos, viviam na abundancia de compensar-lhes taes serviços..... e sem lhes ser mister trabalharem.»

E com argumentos, como estes, expostos em publico e em particular, iam respondendo os inimigos dos frades, e abafando o grito das proprias consciencias.

De maneira, que (segundo aquellas theorias), os frades, em quanto estavam nos conventos, «eram uns homens

Depois de sairem dos conventos, «não tinham quasi nada, eram uns pobres, não tinham perdido rendimentos que lhes déssem direito para agora esperar do governo os meios de subsistencia!»

Isto é facil de explicar. Para os frades, como frades, tudo parecia muito aos liberaes; mas para estes, tudo o

que os frades tinham, era pouco, para os mesmos liberaes se locupletarem, e serem pagos *dos seus serviços!*

Que incoherencia!!  
N'outro logar, porem, ainda teremos que analysar a particularidade d'esta materia.

Desde 1853 foi arbitrada a cada um dos egressos a pensão mensal de reis 12\$000. Alguns já gozavam d'esta vantagem desde 1851. E, aquelles,

que, pelo seu estado physico ou moral, ou pela sua avançada idade, não podiam exercer o seu ministerio ou as suas ordens, começaram a receber mais um terço d'aquella quantia.

Para que não continuasse a ser tão lastimavel o viver dos egressos, muito concorreram as palavras e os escriptos de alguns liberaes mais sinceros, mais patriotas, mais conscienciosos, ou talvez mais desenganados.

Alexandre Herculano, no parlamento e na imprensa advogou a causa dos frades expulsos.

Antonio Feliciano de Castilho (depois Visconde de Castilho), no seu artigo «S. Bruno» e n'outros escriptos, lamenta a extincção das Ordens religiosas.

Pedro Diniz, na sua obra «As Ordens religiosas em Portugal» não só lamenta aquella extincção, mas faz elogios ás mesmas Ordens e lembra a necessidade da sua restauração, especialmente para o ultramar.

José Silvestre Ribeiro, Silvestre Pinheiro Ferreira, Teixeira de Vasconcellos, Rebello da Silva, Camillo Castello Branco, Almeida Garrett, Gomes de Amorim, Latino Coelho e outros escriptores e parlamentares, mais ou menos advogaram, ainda que tarde, a mesma causa. Infelizmente, porem, já poucos frades existiam, a favor dos quaes se poderiam erguer esses e outros homens eminentes.

\* \* \*

E, no entanto, não deixou de haver quem continuasse a insultar os frades, expoliados e até os que dormiam o somno eterno! Depois do roubo, o insulto!

Ainda não ha um anno, um jornal de Coimbra trazia a noticia dos frades (egressos) existentes em Portugal. Achava, que eram muitos e avultadissima a importancia, que os cofres publicos gastam com tâes *mandriões*!

E como o redactor de tal jornal, pensa muita gente, que blasona de caritativa e humanitaria!

Socegum, no entanto os inimigos dos frades! Os frades foram expulsos, ha mais de meio seculo. Já poucos podem restar e esses são, de certo, todos de tão avançada idade, que quando se concluirem tres quartos de seculo depois da obra da expolição, já o governo nada terá de gastar com os monges, nem o aspecto d'elles causará remorsos nem lembrará essa nefanda obra, esse verdadeiro crime!

Em 1909 não restará um monge, que possa accusar a sociedade portugueza que applaude, ainda hoje, a obra de Joaquim Antonio de Aguiar!

(Continúa)

Um catholico.

## SECÇÃO ILLUSTRADA

### Pastor africano

(Vid. p. 3)

Á vai elle, o animoso negro, acompanhando o gado, distraindo a soledade de seu viver com a flulata rude, que ao mesmo tempo é arma poderosa para fascinar a constrictor que lhe surge na floresta.

Sob o braço aperta a buida azagaia. A hyena, de furtivos olhares, vil desenterradora de cadaveres, nauseando com o halito envenenado, é dominado ra dos ermos, e quando a hedionda fera investe, só logra prostral-a uma arma aguda vibrada por um braço valeroso.

Elle lá vai. N'aquella *negregada* vida; como um raio de pura civilização lhe chegou dos labios do missionario catholico, não inveja, embora os temores do tigre, da panthera, das boas e dos leões, a ventura do europeu, salteado por tantos erros, tantos vicios, peores feras que as que povoam as planuras equatoriales.

### No Piemonte

(Vid. p. 7)

E' montanhoso o paiz, como o indica o seu proprio nome. *Pié di monte*, dizem os italianos. Estende-se n'uma superficie de 54:000 kilometros, na base dos Alpes, a noroeste da Italia, dando paragem a cerca de tres milhões de habitantes. A capital é Turim. O Pó, o Tanaro, o Stura, o Bormida, o Doria Riparia, o Doria Baltea, o Sesia e o Tessino, são os seus mais notaveis rios. As pastagens abundantes da região das montanhas facilitam a criação de numerosos rebanhos, uma verdadeira riqueza em lacticinios e lãs. Os laranjaes, os arrozaes, os vinhedos, a industria do bicho da seda, são igualmente excellente fonte de receita.

A gravura reproduz uma graciosa vivenda das margens do Trebia.

R.

## SECÇÃO NECROLOGICA



À PEZAR de profundamente impressionado pelo caracter atarrador que se me affigurou devisar na gravissima doença que lançou no leito

o virtuoso, exemplarissimo e incançavel Missionario apostolico Rev.º Padre Thomaz Vitale, S. J., mal diria eu que pouco depois teria de prantear o fatal desenlace!

A febre ardentissima d'um typho desesperado, carcomindo aquella existencia tão preciosa, cevou ali a sua cruel voracidade, arrojando á valla fria da sepultura aquelle roble vigoroso, que a nossos olhos parecia dever manter-se em pé ainda muitos annos, mas que aos imperscrutaveis designios eternos aprouve arrancar pela raiz ao fim de sete dias d'enfermidade!

Ainda no dia da Immaculada Conceição celebrou missa e esteve no confissionario, posto que já ardendo em febre. Na tarde, porém, d'este dia attingiu ella tal grau que, chamado o medico, o mandou recolher á cama, para só d'ali se levantar para a sepultura.

Pode pois affoitamente dizer-se que o Padre Thomaz Vitale morreu a trabalhar, morreu no confissionario!

Não é meu intento ao escrever esta noticia fazer sobressair os dotes apostolicos, verdadeiramente extraordinarios, do nosso saudosissimo finado—Teem echoado por todo o paiz—Uma grande parte foi por elle percorrida em todas as direcções, espargindo sempre os beneficios preciosos do seu dedicadissimo zelo evangelico, principalmente n'estas duas Beiras, cujas parochias quasi todas podem dar testemunho do seu encendido amor pelas almas. Varios dignissimos Prelados do continente e ultramar, apreciando devidamente os eminentes predicados do Padre Vitale, empregavam sempre repetidas instancias para que fosse elle de preferencia a qualquer outro Rev.º Padre dirigir o espinhoso encargo dos exercicios espirituaes ao Rev.º Clero das suas dioceses e dar suas missões em diversos pontos das mesmas, certissimos do zelo infatigavel com que elle se applicava a estes arduos trabalhos e da inexcedivel proficiencia com que d'elles se desempenhava, captivando assim por toda a parte o respeito, a veneração e o amor o mais dedicado dos povos que evangelisava. Esta terra sobre tudo é que pode attestar o quanto valia aquelle incançavel obreiro do Senhor, que aqui dispendeu as manifestações do seu apostolado durante quinze annos. Por isso justissimo tributo de gratidão acaba ella de lhe prestar no seu funeral, a que vimos de assistir, e a que particularmente quero referir-me, apesar de o meu estado de consternação por tão grande perda me não permittir ordenar bem duas ideias, o que me será levado em conta ao desalinho com que vou descrever a assombrosa exhibição de religiosidade e fé ardente patenteada por este bom povo covilhanense na

morte e enterro do santo e virtuoso missionario.

Ao cair no leito, conheceu elle logo que estava acabada a sua vida animal. Por estas mesmas palavras o declarou ao seu muito Rev.<sup>o</sup> companheiro, Padre Nicolau Rodrigues, pedindo os Sacramentos e ultimas absolvições, a que respondia com a alegre e invejavel serenidade do justo, e ás 2 e meia horas da madrugada de hontem, despedindo-se da terra com um angelico sorriso, voou ao Ceo aquella grande alma, cumulada de merecimentos por tantissimos trabalhos, cansaços, suores, fadigas, penitencias e mil outras boas obras, que oxalá todos conseguissemos imitar.

Innumeraveis votos se tinham feito ao ceo pelo seu restabelecimento, milhares e milhares de corações angustiados dirigiam á Santissima Virgem, por entre sinceros suspiros e lagrimas, as mais fervorosas supplicas para alcançar-se aquella graça; Nosso Senhor, porém, já como que satisfeito por tantos e tantos trabalhos, entendeu nos Seus infinitos designios que era tempo de lhes pôr termo, premian-to-os com a immarcescível palma da gloria; e assim nos foi arrebatada uma vida para todos tão preciosa, para ficarmos mergulhados na mais pungente e dilacerante saudade!...

Acatamos submissos, como nos cumpre, os Decretos Divinos, alegramo-nos até pela profunda convicção de que o nosso bom Padre Thomaz já está coroados no ceo e no goso ineffável de eternas delicias, como premio do seu constante labutar apostolico; não podem, porém, enxugar-se-nos as lagrimas. não pode cicatrizar-se a ferida que tão fundo golpe nos causou, não pode deixar de ser eterna a nossa saudade, *in memoria aeterna erit justus*, porque em verdade esta perda é insubstituível, e n'este simples termo tenho expressado rigorosamente o sentimento de que todos estamos possuídos.

O Padre Thomaz Vitale era um vulto proeminente, debaixo de todo o ponto de vista, para o bem, e era um poderoso colosso do mais peregrino talento e vastissima illustração, da virtude de a mais acrisolada, da penitencia a mais austera, da dedicação, actividade e zelo o mais excessivo e infatigavel, mas agora... arremessado ao frio pó do sepulcro, como o mais insignificante dos mortaes;—era um astro de primeira grandeza, cujos fulgores se espargiam com admiravel resplendor entre todos os povos por onde missionou, mas agora... eclipsado pelo sombrio veio da morte para nunca mais luzir cá na terra... só entre os esplendores da luz perpetua. *Et lux perpetua luceat ei!*...

Quão terrível e temível é o poder da morte!...

Toda a Covilhã, ao passo que orava com o mais ardente fervor pedindo ao ceo o milagre da cura do nosso bom Padre Thomaz, pois só por milagre elle podia escapar, tal era a intensa gravidade da doença, arreceiava de momento para momento a tristissima noticia do fatal desenlace. A's 4 1/2 da madrugada do indicado dia de hontem dobra a fluados o carrilhão da Igreja do Coração de Jesus (vulgo de S. Thiago), e em poucos momentos, alvoroçada toda a cidade pela tetrica noticia, levada nos sons do bronzeo sino, corre em tropel, debulhada em pranto, a certificar-se da lugubre nova.

A' força do desejo d'uma vida prolongada ao eminente missionario, que, apesar dos seus 62 annos, aparentava uma vigorosa robustez, custa a acreditar-se o fatal acontecimento. A triste realidade, porém, supera tudo, proclamando o ultimo e cruel desengano!

A dôr penetra todos os corações, a dita igreja é invadida por multidão compacta vestida do mais rigoroso lucto e dirigindo ao Deus de misericórdia, no meio d'um pranto desfeito, fervorosas orações pelo eterno descanso do virtuoso e saudosissimo finado.

Em todo o dia de hontem estabeleceu-se para a mesma igreja uma verdadeira romaria de fieis, como que disputando a primazia de oscularem os paramentos e as mãos sagradas do inolvidavel sacerdote, que tantas e tantas vezes se ergueram para lhes absolver os peccados e os abençoar; mas quando o cadáver para ali foi conduzido é indiscriptivel a scena da mais profunda dôr e copioso pranto de quantos alli se achavam, vendo immovel e enregelado pelo cruel sopro da morte aquelle que ainda ha poucos dias os dirigia com os seus paternaes conselhos, encaminhava com suas carinhosas admoestações e edificava com seus santos exemplos.

Sobre modesta eça ficou depositado o funebre caixão, celebrando-se hoje o officio de corpo presente ás 10 horas e saindo o enterro pouco depois do meio-dia.

Imponente, grandioso, eloquente e justissimo preito d'amor e gratidão quiz dar o povo da Covilhã e povoações circumvisinhas n'esta ultima homenagem ao infatigavel trabalhador apostolico; oito a dez mil pessoas de todas as classes quizeram associar-se a ella, acompanhando e assistindo ao desfilar do funebre cortejo, que custava a romper por entre as multidões aglomeradas em todas as ruas desde a igreja até ao cemiterio, vendo-se a maior parte das pessoas banhadas em copioso pran-

to e todas com a consternação e a dôr estampadas na fronte.

Esta demonstração de profundo sentimento, tão intima como sincera, pela perda do notavel missionario é a prova mais cabal do alto apreço, respeito e amor que, mercê de Deus, a Covilhã ainda consagra á virtude;—estas lagrimas, estes soluços são a expressão genuina das firmes crenças religiosas d'este bom povo, que, por impulso espontaneo do seu coração agradecido, assim presta a devida homenagem a um verdadeiro benemerito, que, embora pobre e humilde, era grande aos olhos de Deus pela virtude que o exaltava e era cordalmente amado e venerado pelos verdadeiramente catholicos.

Descansa em paz, venerando apostolo; consente que junto da tua rasa sepultura eu desfolhe algumas saudades e que por sobre ellas faça correr ardententes lagrimas da mais pungente magua d'este indignissimo Padre, que tantas e tantas vezes illustraste e guiaste com o teu prudente e sabio conselho;—e lá do ceo, onde creio piamente estares já, ora por todos os que te amaram cá na Terra e ora tambem por aquelles que, mesmo perante o tremendo espectaculo da morte não arreceiaram patentear tão ingloriamente o odio ligadal que te votavam, e consequentemente á Inclita Companhia de Jesus, de que eras tão distincto membro. Covilhã, 15 de dezembro de 1893.

Padre José da Costa e Oliveira Pinto.

## RETROSPECTO

Um novo anno começa agora, estimaveis leitores, e eu aproveito o ensejo para, na forma usada por todos os que escrevem para o publico, dar a v. ex.<sup>as</sup> as boas festas, expressando lhes o meu sincero desejo de que os trezentos e sessenta e cinco dias, marcados, desde hoje, na ampulheta do tempo, sejam para todos um constante periodo de venturas. Que Deus os proteja, tendo-os continuamente no góso bendito da sua divina graça e dando aos felizes dias alegres como sorrisos, aos tristes, aos desventurados, aos que, n'uma palavra, soffrem por qualquer motivo, resignação para supportarem as durezas da adversidade, e a todos paciencia para aturarem a insipidez e os desconchavos da minha prosa massuda e, porventura, impertinente. E como compensação aos meus bons desejos e aos votos que elevo até Deus, para que os olhe com benignidade, espero dever-lhes a fineza de não se esquecerem de mim nas suas orações, pedindo ao Pae das luzes que me dê a comprehensão nitida dos meus

deveres e a graça de os realizar sem tibieza nem respeitos humanos.

Eu bem sei que estou um pouco fóra da móda e revelo uma certa *exquisitice* fallando e escrevendo por esta forma, que não é a usada pela gente de bom gôsto e que bebe do fino. Mas, que hei de eu fazer, se ganhei amôr a estas *velharias* e, por mais que me préguem os casquilhas,—productos e admiradôres da educação á moderna— não estou resolvido a mudar de parecer nem de processos? Continuarei, pois a fallar de Deus e a pedir as suas graças, porque sei que nada posso, nem valho, sem o auxilio do ceu, pois, como diz o Espirito Santo, nenhum beneficio nos pôde vir, se Deus o não manda. *Omnedatum optimum desursum est.*

E' pena que tantos catholicos o esqueçam, mostrando-se, n'este ponto, mais desdenhosos e indifferentes do que muitos sectarios do protestantismo, que não se envergonham de manifestar publicamente, por actos e palavras, o seu reconhecimento para com Deus pelos beneficios d'Elle recebidos. Assim o leio nos jornaes a respeito do presidente da republica dos Estados-Unidos norte-americanos e d'um deputado allemão, os quaes, apezar de serem protestantes e viverem em paizes cuja população é, na sua maioria, afastada da verdadeira religião, professam abertamente a sua dependencia de Deus e a necessidade das suas graças para a boa gestão dos negocios publicos.

Em Portugal, ao contrario, onde a religião official é catholica e onde, com rarissimas excepções, todos os funcionarios do Estado, desde o presidente de ministros ao mais obscuro mestre-escola, se dizem catholicos, exclue-se Deus dos actos e documentos officiaes, como se Elle tivera abdicado dos seus direitos ao respeito e á vassalagem dos homens, por mais elevados que sejam na categoria social!

Porisso a mão de Deus pésa sobre nós, tendo-nos apeado do pedestal de gloria, a que nos elevaram sete seculos de grandezas, para nos fazer tombar no abismo de humilhações, a que nos tem reduzido a incapacidade dos nossos governantes. E' bem certo, como diz o bom senso popular, que *Deus não dorme.*

Suggere-me estas considerações a noticia dada pelos jornaes de que a Inglaterra, prevalecendo-se da sua qualidade de nação forte e poderosa, nos quer arrebatrar mais uma porção dos nossos melhores terrenos africanos, que tantos sacrificios, tanto sangue e tantas dedicações custaram aos nossos antepassados.

Tinge o rubor as faces e referve a

cólera no peito quando a gente se lembra de que, se os nossos governos liberaes (*soidisanti*) não tivessem extinguido o benefico influxo da acção missionaria n'aquellas paragens, jámais poderiam dar-se espoliações como as que a vilissima cobiça ingleza nos tem feito. Como poderiam os perfidos filhos d'Albion, os insaciaveis devoradores das nossas riquezas, allegar direitos a terrenos, onde tremulasse a bandeira das quinas sobre fortes, que assegurassem a estabilidade dos nossos dominios e protegessem as estações civilisadoras dos nossos missionarios? Como ousariam disputar os nossos direitos e combater a nossa influencia ali onde o missionario, pela doçura dos seus ensinamentos e pela energia da sua acção constante, tivesse arreigado profundamente o amor por esta patria querida e lançado vestigios perduraveis de civilisação e progresso?

Ah! perfidos inglezes, o vosso procedimento é vil, porque ultrajaes os mais alevantados brios d'uma nação cavalheirosa e amiga, mas, ao menos, tendes uma attenuante no ardor com que proseguis no engrandecimento da patria. Não assim os nossos liberaes que, no seu furor sectario, cavaram o abismo enorme de desgraças, em que gememos, fizeram d'um povo brioso e honrado o ludibrio das nações, e são capazes, como alguns já o vêm mostrando, de ámanhan nos venderem ao estrangeiro!

Traidores—maldita seja a sua politica!

Sectarios—maldito seja o seu liberalismo!

Liberaes—Deus confunda e aniquile os seus planos tenebrosos!

A acção missionaria—eis o unico meio capaz de civilisar o continente africano.

A verdade d'esta affirmacão é hoje reconhecida por todos os que ainda se interessam pelo engrandecimento de Portugal e desejam vê-lo realizar os altos destinos, para que o destinara a Providencia. As narrativas imparciaes dos viajantes, as noticias dadas pelos exploradores e os mesmos relatorios officiaes constataam a superioridade civilisadora da acção missionaria catholica. Só falta, pois, que os nossos governos, tomando uma attitudo francamente patriótica, restabeleçam as ordens religiosas, sem se importarem com os protestos da jacobinagem impia e maçónica e com as balofas patrioticas dos que não querem missionarios estrangeiros, como se os missionarios portuguezes se fizessem do pé para a mão, assim a modo de estatua de barro!

Aos catholicos e verdadeiros portuguezes incumba fazer violencia no ani-

mo dos governos para que satisfaçam este desideratum, de cuja realisacão depende ainda o nosso engrandecimento.

Logo que se abra o parlamento chovam ali as representações a pedir o restabelecimento dos frades missionarios, cobertas por milhares de assignaturas. D'aqui até então trabalhem todos com ardor, para que esta causa ganhe terreno, façam propaganda activa e incessante, os padres no pulpito, os leigos nas sociedades, que frequentam, todos onde quer que se encontrem e haja oportunidade. Esmorecer, quando a patria exige os nossos serviços, é covardia, não promover o seu engrandecimento, só para não soffrerem incommodos, é procedimento, que não se compadece com animos generosos.

Se trabalharmos para que vingue esta causa tam santa, teremos cumprido um duplo dever: portuguezes—serviremos a patria, catholicos—zelaremos o esplendor da religião augusta que professamos!

Ha quem trepide?

E' possivel, porque desgraçadamente a indiferença pelos mais caros interesses da patria calou tam fundo em almas portuguezas, está-se tam acostumado a não pensar no que mais importa aos nossos brios de nação colonisadora, ha, nos nossos habitos, tanta indolencia e tanta falta de energia para tudo o que pôde elevar-nos no conceito das nações, que não é raro desfallecerem os mais bem intencionados, mórmente quando o resultado de seus esforços não corresponde á grandeza das suas intenções. Pois é certo, como diz o velho proloquio, que *Roma e Pavia não se fizeram n'um dia*, e o confirma a experiencia de todos os tempos, mostrando que as causas boas soffrem sempre as maiores contrariedades, ninguem deve desanimar com o pouco resultado dos seus trabalhos, desde que põe n'elles toda a sua boa vontade, toda a sua dedicacão.

Trabalhem na medida das nossas forças e deixemos o resultado á conta de Deus, que dará o incremento e nos concederá a victoria, quando assim aprouver aos insondaveis designios da sua Providencia.

E agora offerece-se-nos uma excelente occasião de bem servirmos a patria e defendermos os direitos da religião. Estão proximas as eleições de deputados, que deverão realizar-se no dia onze de fevereiro proximo. (Entre parentesis, deixem-me dizer-lhes que mal avisado andou o governo escolhendo tal dia, pois melhor seria marcar-as para os dias de carnaval, visto que as eleições, taes como ahi se fazem, of-



ferecem uma excellente diversão para os tristes e preocupados. Salvo se o sr. presidente do conselho quer dar-lhes uma feição séria, de harmonia com os dias de quaresma e com os seus modos de homem que não ri... Dos bons deputados hão de vir as boas leis, como dos maus, ou pelo menos indifferentes, tem vindo as más, que opprimem a Igreja portugueza.

Loucura seria esperar que homens abertamente impios, fazendo profissão publica de doutrinas condemnadas pela Igreja, possam favorece-la, quando se tracte de legislar sobre negocios que lhe dizem respeito. O diabo dá sempre o que tem e, se ás vezes se faz tartufo, é para mais facilmente illudir os incautos. A habilidade dos prudentes está em descobrir-lhe a ponta da cauda.

Não ha, pois, que escolher entre dois deputados, um bom e outro mau, que se propõem pelo mesmo circulo ou por accumulção. Votar no primeiro é um dever de consciencia, que obriga sob peccado. Não trabalhar quanto poderemos pelo seu triumpho será um acto de covardia, de que, certamente, Deus nos ha de tirar severissimas contas.

Bem sei que muitos me hão de apresentar como um obstaculo para o cumprimento d'este dever as suas ligações de familia, as suas relações de amizade, a sua dependencia dos superiores e até alguns a obrigação de serem gratos a qualquer beneficio recebido. Muito bem. Façam a vontade á sua familia, a quem devem amar christianamente, condescendam com os seus amigos, que a isso os obriga a caridade mutua acatem os pedidos ou as ordens dos superiores, a quem devem obediencia, e sejam reconhecidos a quem os beneficiou, porque a ingratição avilta e deslustra os caracteres. Mas não esqueçam que, sempre que se trata de escolher entre o bem e o mal, nenhuma consideração humana, ou seja de interesse, ou seja de amizade, ou seja de gratidão, deve pezar em nosso animo para nos determinar, senão a de fazer o que é mais agradavel a Deus. E para isto—notemol o bem.—não é preciso ser heroe, basta ser christão.

Eu penso assim. Se algum dos meus leitores, o que não creio, achar forte de mais, arranje uma moral mais comoda que a minha, faça-se galopim como muitos que por ahi ha ao serviço dos partidos liberaes, e... que lhe preste.

Esperam V. Ex.<sup>na</sup> alguma cousa boa de qualquer dos diferentes partidos, em que se acha actualmente dividida a chamada familia liberal portugueza? Pela minha parte confesso que não só não admitto que algum d'elles seja ca-

paz de fazer entrar a moralidade e a justiça na gerencia dos negocios publicos, como até estou convencido de que cada vez hão de comprometter mais o futuro da nação. Falle por mim a historia de 70 annos de administração liberal, as promessas de moralidade e economia tantas vezes renovadas e nunca cumpridas, os programmas apparatusos, lançados como poeira aos olhos do publico, as escandalosas salamancadas, os favoritismos repellentes e, especialmente, a dependencia em que todos conservam a Igreja, espelhando-a, espesinhando-a, deshonrando-a na pessoa de seus bispos, cujo ministerio docente estorvam por meio do injustificavel *placet*, na pessoa dos seus padres, de quem pretendem fazer funcionarios servis, e na manifestação dos seus cultos, cujo esplendor depreciaram, ainda bem pouco, cerceando-lhes os rendimentos.

A regeneração ha de vir por misericordia de Deus, mas não dos homens que até aqui nos têm governado: ha de fazer-se, sim, quando fôr escutada a palavra do Papa, quando, posta de parte a politica de corrilhos, a politica de arranjos, os catholicos portuguezes se unirem n'um só pensamento—o de salvar a religião e a patria,—levando ao parlamento homens de boa vontade, homens que prezem a sua religião acima de tudo.

Catholicos! á urna pelos bons deputados!

Portuguezes! á urna pelos deputados catholicos!

Estimulos, que alevantem o nosso espirito abatido, exemplos que inflammem a nossa tibieza, enthusiasmos que afervorem as nossas dedicações, se os não temos de casa, véem-nos que farte lá de fóra, onde os catholicos trabalham a valer na defeza das suas liberdades. Não os intimida a superioridade numerica dos seus adversarios. A lucta é para elles uma condição de vida e, por isso, não ensarilham armas á espera de que o inimigo vá accommettel-os. Porisso os seus triumphos se assignalam de dia para dia e sempre com novos esplendores.

Sejam d'isto exemplo os catholicos allemães. Leis odiosas opprimiam ali a Igreja mantendo-a sob a pressão d'um jugo de ferro. Pois, não obstante, os catholicos, á força de boa vontade, de muita dedicação e desinteresse, organisaram os seus centros e, por meio d'uma propaganda habilmente dirigida e francamente sustentada por meio de muitos e bons jornaes, conseguiram levar ao parlamento um numero de deputados sufficiente para decidir de todas as votações e impor as suas vontades ao governo imperial. E tendo já

conseguido a restituição dos bens roubados á Igreja, viram ultimamente coroados os seus esforços pela reintegração dos jesuitas no imperio!

E tudo isto se passou n'um paiz, cujo governo e o mesmo chefe do Estado são protestantes!

Pasma a gente e envergonha-se quando coteja a differença de proceder entre os catholicos allemães e os catholicos portuguezes.

A proposito de protestantes lembra-me o engraçado caso, que se deu no tribunal de S. João Novo, no Porto, por occasião do julgamento do Dr. Urbino de Freitas. (A proposito de—proposito—recorde-se que ainda ha, felizmente, juizes rectos e honestos em Portugal.) Talvez a V. Ex.<sup>na</sup> passasse despercebido o tal caso. Pois, snrs. a mim deu-me no gôto e não me soffre o animo deixar no escuro a minha satisfação. Depunham dous protestantes como testemunhas, um dos quaes fez o juramento do estilo, declarando o outro que não jurava por ser protestante. Naturalmente um jurava porque sim e o outro não jurava porque não. Mais uma vez se confirma a affirmativa do grande Bossuet a respeito do protestantismo—*Varias, logo erras*. Os homens d'aquella igreja, pelo visto, não se entendem e foi, talvez, para fugir á derrocada da seita que o infeliz apostata Guilherme Dias os abandonou, para se entregar á lucrativa empreza de engajador de emigrantes, ou mercador de carne humana.

Aquillo está-se a desfazer e será bom que alguém se encarregue de lhe escrever o necrologio. Para epitafio podem aproveitar a legenda: *Aqui jaz a panacéa da risota*.

Agrada-lhes?

O que, certamente, lhes não agrada é que um jornal catholico e que tem prestado relevantes serviços em prol da religião, escrevesse, ha dias, umas palavras de censura a respeito dos venerandos prelados portuguezes, incriminando-os por não se collocarem á frente do movimento catholico nacional.

Sendo certo que todo o catholico tem obrigação stricta de acatar as resoluções dos seus bispos, como todo o filho tem obrigação de acatar e venerar as ordens de seus paes, acho pouco correcto que se venha para o publico com taes incriminações, que, com certeza, importam um deslustre para a auctoridade prelaticia.

Sou amigo do tal jornal, (e prova-o a minha qualidade de assignante), admiro a coragem e isenção com que tem combatido em prol da boa causa, mas *in hoc non laudo*.

Eu penso que nenhum catholico e especialmente, nenhum padre, pôde em boa consciencia, levantar-se a fazer censuras ao seu prelado, porque este procedimento provoca sempre maior ou menor escandalo nos arraiaes catholicos. Desgraçadamente, o maldito liberalismo inoculou-se por tal forma no nosso organismo social que muitos, desprezadas todas as conveniencias e conculcados os mais sacratissimos deveres e direitos, fazem gala de ostentar um espirito de rebeldia, que se não harmonisa com os dictames da boa e recta consciencia.

E' intoleravel, é indigno tal proceder. Sobretudo, quando se tracta d'um padre, é vil e baixo, porque importa uma traição comparavel á de Judas.

Um padre nunca tem razão de levantar-se contra o seu prelado, embora este o tenha aggravado. Menor mal é que o padre soffra uma injustiça do que produzir um escandalo na Igreja dando occasião aos seus inimigos para escarneel a. Porque assim o penso, aqui consigno o meu protesto contra a forma por que tem sido agredido o nosso venerando Prelato n'umas cartas publicadas em certo jornal de Braga, que nada se tem acreditado com isso. Assigna as um padre. Tauto peor para o seu auctor, que assim mostra não ter a comprehensão dos seus deveres sacerdotaes.

Que lhe preste.

E V. Ex.<sup>aa</sup> desculpem a massada.

P.\* J. A. R. Junior.

*Missa festiva premiada.*—No Congresso de Valencia foi arbitrado o segundo premio a uma preciosa composição musical, composta pelo insigne maestro Don Juan Montes Càpon, para típicos, tenores e baixos, com acompanhamento de órgão e orchestra formada sómente por instrumentos de corda. Dizem ser trabalho admiravel. Sobre as 280 as composições d'este notavel artista sendo 16 as que foram premiadas.

*Congresso Eucharístico de Valencia.*

—Foi sobremodo esplendida esta festa tam sympathica ao mundo christão. Onze Prelados, presididos pelo Em.<sup>mo</sup> Cardial Arcebispo de Sevilha, davam-lhe uma magestade raramente vista. Na sessão inaugural o Congresso enviou um telegramma a S. Sanctidade protestando-lhe submissão filial e adhesão profunda á cadeira de Pedro.

Respondeu o Em.<sup>mo</sup> Cardial Rampolla: «Que S. Sanctidade agradecia o testemunho de adhesão; que abençoava os Prelados, sacerdotes e fleis alli congregados; que rogava a Deus se compadecesse da Hespanha, convertendo suas calamidades em outras tantas occasiões de augmento de fé e piedade; e que emfim abençoava o exercito hespanhol, objecto de tanto interesse e sympathias.»

Salvas de applausos saudaram a leitura do citado telegramma.

A ultima sessão (24 de nov.) foi rematada por brilhantissimo discurso pelo Em.<sup>mo</sup> Presidente, que se congratulou pelo magestoso espectáculo produzido pelo Congresso, reunião dos que desejaram dar testemunho de sua fé e provar que, embora a distancia os separe, o coração os une prostrados ante Jesus Sacramentado. Elogiou os trabalhos das respectivas secções e o notavel influxo d'estas manifestações de fé mediante as communhões e demais actos do culto; pois todos hão cooperado e trabalhado com entusiasmo, podendo-se augurar trabalhos duradouros e que a semente lançada ha de produzir abundantes e salutaes frutos.

Agradeceu aos que concorreram ao Congresso e auxiliaram seus trabalhos; implorou para todos as benções do céu e fez votos por que todos se unissem como sendo um só coração, reinando sobre todos o Sagrado Coração de Jesus e consolidando-se por toda a parte o seu reinado.

O Em.<sup>mo</sup> Presidente annunciou novo Congresso Eucharístico, na cidade de Lugo, para 1896.

A procissão do domingo 26 lembra a magestade das festas religiosas nos tempos da maior fé. As tropas, a

artilheria, as auctoridades civis realçaram este imponentissimo acto. Jamais Valencia vira apparatus como este. Cento e oitenta e quatro estandartes dividiam o sequito em turmas numerosas; 89 imagens encimando riquissimos andores sobresaíam venerandas por sobre a multidão; 85 musicas, sabiamente combinadas transformavam em paraíso as ruas e praças que se atravessavam.

Assistiam 16 prelados, entre os quaes o Nuncio de Sua Sanctidade, e em chegando á praça de Tetuan subiram a um tablado, adrede construido, d'onde abençoaram milhares e milhares de fleis, que por toda a vida conservarão indelevel a graçissima impressão d'esta festa inexcedivel.

OH! JESUS VIVE!

Quando vejo o impio perpassar involto em seu manto de scepticismo, lanço-lhe, sim, um olhar de intima compaixão, por que sob esse manto vai uma alma, para quem existe um céu, e para lh'o dar morreu sobre o Calvario o homem-Deus e existe perennemente nos tabernaculos de nossos altares Jesus-Hostia, Jesus-Victima.

No dia 27 houve uma peregrinação a Gandia, cidade de S. Francisco de Borja, o illustre corteção que postergou as glorias reaes, para ser um dos menores entre os membros da Companhia de Jesus.

O Nuncio, os Prelados e muitos fleis constituíram a peregrinação.

Dezembro—28.

D.

## Secção administrativa

DO PROGRESSO CATHOLICO.

1003—Muito grato a V. Ex.<sup>a</sup> As suas palavras magoam-me porém, quando me diz: «Tenho pezar de não poder arranjar assignantes como obtive por aqui, ha cinco annos. Depois que aqui appareceu o jacobino Janeiro deixaram de ser assignantes, e muitos até que... etc. Calemo-nos por caridade.»

Paciencia! Aquelles que servem a Christo pagar-lhes-á Christo, os que servem ao antipoda de Christo d'elle obterão a paga. S.

# O PROGRESSO CATHOLICO

PUBLICA-SE NOS DIAS 1 E 15 DE CADA MEZ

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

Continente portuguez e Hespanha, 800 reis—Ilhas, o mesmo preço, sendo feito o pagamento em moeda equivalente á do continente—Provincias ultramarinas e paizes da União Geral dos Correios, 18000 reis—Estados da India, China, e America, 18280 reis, moeda portugueza—Numero avulso 100 reis. Edição de papel de luxo, mais 200 reis.

As assignaturas são pagas adeantadamente, por um ou meo anno.

Tudo o que se refere á redacção, incluindo troca de jornaes, seja enviado a

Manuel Maria Fructuoso—Rua da Alegria, 6—GUIMARÃES

Tudo o que pertence á administração seja dirigido a José J. da Silva Guimarães—rua de Gil Vicente, 64—GUIMARÃES.